



PODER

Sob pressão, Flávia Arruda ganha apoio de Bolsonaro

Logo no retorno a Brasília, presidente se encontra com ministra e repete que ela continuará à frente da Secretaria de Governo

» ISRAEL MEDEIROS
» DENISE ROTHENBURG

Marcos Corrêa/PR



Processo de fritura da ministra Flávia Arruda ocorre sob a alegação de demora no repasse de verbas por meio de emendas

Alvo de críticas e sob pressão para deixar a Secretaria de Governo, a ministra Flávia Arruda (PL) se encontrou, ontem, com o presidente Jair Bolsonaro — agora integrante da mesma legenda — na Base Aérea de Brasília. Ali, o chefe do Executivo relatou de viva-voz à auxiliar o que havia dito na entrevista, mais cedo, no Hospital Vila Nova Star, e reforçou que ela permanecerá no cargo, com um comentário na linha de “não leve em conta os fofos de plantão”.

Logo após receber alta do hospital em que estava internado por causa de uma obstrução intestinal, Bolsonaro disse que Flávia Arruda foi indicada ao cargo porque tem competência. Ele também afirmou que ninguém ligou para ele para pedir a demissão da ministra.

“Por que eu indiquei? Não é por ser mulher, não é por nada. É pela competência dela. Ela foi relatora do Orçamento”, justificou. “Ninguém ligou pra mim. Ninguém pede a cabeça de ministro como acontecia no passado”, prosseguiu, ao alfinetar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) que, segundo Bolsonaro, distribuía cargos em estais e ministérios — tipo de prática que o presidente rechaçou quando era candidato e que, agora, tem como modus operandi para continuar no cargo.

Ele também disse desconhecer erros na gestão da ministra à frente da Secretaria de Governo. “Onde a ministra Flávia Arruda está errando? Desconheço onde ela está errando. Se, porventura, estiver errando, como acontece, eu chamo e converso com ela. Ela não será demitida jamais pela imprensa”, disparou Bolsonaro.

A pressão em torno de Flávia

Arruda cresceu nos últimos dias, especialmente após a internação de Bolsonaro, na última segunda-feira. Insatisfeitos com uma suposta demora no repasse de emendas prometidas pelo Executivo, ainda no ano passado, deputados do Centrão declararam guerra à ministra.

O líder desse movimento foi o deputado Hugo Motta (PB), comandante do Republicanos na Câmara, que chegou a defender a demissão de Flávia em um grupo de WhatsApp dos parlamentares. Ele também foi o relator

da PEC dos Precatórios na Casa. Apesar de haver integrantes do Centrão insatisfeitos, o grupo está dividido.

Reservadamente, interlocutores de Flávia dizem que ela não falará sobre esse assunto publicamente “para não esticar a corda” e que o movimento, liderado por Hugo Motta, deve se desfazer em breve, já que Bolsonaro garantiu a permanência dela. “A declaração do presidente terminou por fortalecer a ministra”, avisam seus aliados.

Além de Bolsonaro, Flávia

conta com o apoio do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL); e do ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira. A pressão, no entanto, deve perdurar nos próximos meses, nem tanto para tirá-la do cargo, mas para garantir a indicação do sucessor. Há um grupo, mais ligado a Bolsonaro, que deseja emplacar Celso Faria Junior, chefe de gabinete do presidente da República. Já a turma a favor da ministra pretende deixar Carlos Henrique, o número dois da Secretaria de Governo.

Distrito Federal

O processo de fritura não provocou muitos reflexos no jogo eleitoral do Distrito Federal nem afastou aliados da ministra. Na capital federal, ela ainda tem apoio do partido Republicanos de Hugo Motta.

Aliada do governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB), Flávia foi defendida até por adversários políticos. Caso do ex-governador do DF Rodrigo Rollemberg (PSB). “A ministra Flávia Arruda vem recebendo pressões. Discordo



Onde a ministra Flávia Arruda está errando? Desconheço onde ela está errando. Se, porventura, estiver errando, como acontece, eu chamo e converso com ela”

Jair Bolsonaro, presidente da República

de suas posições políticas. Mas registro que no Orçamento de 2021 procurei os parlamentares do DF para solicitar recursos para a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e UnB (Universidade de Brasília). Flávia foi atenciosa e atendeu aos dois pleitos. Tem meu reconhecimento”, elogiou, nas redes sociais.

Apesar do respaldo na base de sustentação, não é a primeira vez que Flávia é alvo da fúria de aliados do governo por atrasos em repasses de emendas. No mês passado, o senador Eduardo Braga (MDB-AM) ligou para a ministra e foi, segundo fontes do ministério, “grosseiro” com ela, ao cobrar recursos prometidos pelo governo, mesmo já tendo recebido cerca de 70% do que havia sido acordado pelo Executivo. A ministra classificou o ocorrido, na época, como um episódio de machismo e disse que não se amedrontaria com gritos.

Ao **Correio**, Braga negou que tenha ofendido Flávia e disse que não tinha recebido parte dos recursos, como afirmaram fontes ligadas à ministra. Hugo Motta também foi procurado pela reportagem, mas não retornou até o fechamento desta edição.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Lula aposta no confronto com Bolsonaro, candidatos de centro não se unificam

O artigo do ex-ministro da Fazenda Guido Mantega sobre a política econômica do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na verdade um resumo do que pensa o grupo de economistas que o assessoria, desconectou o projeto petista do colapso econômico do governo Dilma Rousseff em 2015, o que despertou grande polêmica entre analistas e economistas. Ao mesmo tempo, demarcou claramente a candidatura de Lula como um projeto de esquerda, que batizou de social-desenvolvimentista, e não de centro-esquerda.

A narrativa de Mantega emula com o discurso nacional-desenvolvimentista do candidato do PDT, Ciro Gomes; ao mesmo tempo, aparta o projeto petista dos setores que defendem uma política social-liberal e de plena integração à economia mundial, o que pode facilitar a vida dos demais candidatos que lutam por um lugar ao sol na chamada terceira via: Sérgio Moro (Podemos), João Dória (PSDB), Simone Tebet (MDB), Rodrigo Pacheco (PSD) e Alessandro Vieira (Cidadania). Essa agenda conta com certo consenso entre os agentes econômicos, porém, não sensibiliza o

eleitorado, porque não enfrenta o problema das políticas públicas universalistas, do desemprego, da precarização do trabalho e das injustiças sociais.

A aliança entre setores social-democratas, liberais e conservadores comprometidos com o Estado democrático de direito foi o eixo do governo de Fernando Henrique Cardoso, mas hoje não se materializa, porque nenhuma liderança foi capaz de traduzi-la em termos programáticos e eleitorais. Em tese, Moro, Dória, Tebet, Pacheco e Vieira são nomes que poderiam representá-la, unindo os setores centristas e moderados de esquerda e direita, mas nenhum desses candidatos até agora se revelou capaz de fazê-lo. Qual a razão? Há várias, dependendo do candidato.

No caso de Moro, sua narrativa lava-jasta afasta naturalmente os políticos profissionais, principalmente os enrolados ou chamuscados pela crise ética. Dória enfrenta o carma de ser um político com cabeça, tronco e membros de paulista, e uma forte dissidência partidária, principalmente em Minas e no Rio Grande do Sul. Tebet sinaliza a ocupação de espaço

MANTEGA SINALIZA PREOCUPAÇÃO SIMÉTRICA À DE BOLSONARO, OU SEJA, CONSOLIDAR A ATUAL POLARIZAÇÃO, DEMARCANDO O TERRENO OCUPADO PELO PETISTA COM UM DISCURSO DE ESQUERDA

pelos mulheres, mas a cúpula do seu partido é especialista em cristianizar seus candidatos. Pacheco não tem a menor chance de viabilizar a candidatura sem unir Minas em torno do seu nome; Vieira pertence a um pequeno partido, cuja sobrevivência depende da formação de uma federação com outra legenda mais forte.

Entretanto, como diria o Barão de Itararé, se dependesse dos técnicos, o besouro não poderia voar. As eleições presidenciais, desde a surpreendente ascensão de Lula ao segundo turno em 1989, mostram que um candidato sem chances aparentes pode surpreender e chegar ao Palácio do Planalto. Em 2018, foi o que aconteceu com a eleição do presidente Jair Bolsonaro. Mas é preciso

passar no teste de São Tomé, ou seja, nessas eleições, é preciso ver para crer.

Polarização

O artigo de Mantega sinalizou uma preocupação muito simétrica à do presidente Jair Bolsonaro, ou seja, consolidar a atual polarização eleitoral, demarcando o terreno já ocupado com uma narrativa ideologicamente definida. Uma espécie de carimbo no passaporte para o segundo turno, facilitada pela fragmentação eleitoral dos setores políticos que defendem um projeto alternativo a ambos, com uma narrativa nem-nem. A candidatura de Ciro Gomes, num eventual segundo turno, baldearia votos

para o ex-presidente Lula, mesmo que o pedetista resolva se mandar para Paris. Processo semelhante pode ocorrer com a base eleitoral de Moro, profundamente antipetista, que poderia também transferir grande parte dos seus votos para Bolsonaro no segundo turno, mesmo com Moro tomando outro rumo.

Restam Dória, Tebet, Pacheco e Vieira, que têm mais afinidades programáticas do que diferenças. Quem dos quatro poderia ter mais adensamento eleitoral, considerando, agora sim, os seus pontos fortes? Em princípio, seria Dória, governador do maior estado do país. Mas isso não é documento, haja vista o desempenho pífio de Orestes Quércia (MDB), em 1994, e de Geraldo Alckmin (PSDB), nas eleições passadas. Tudo vai depender de quem tiver mais capacidade de tecer alianças e demover outros candidatos e do seu posicionamento estratégico em relação aos problemas do país, além de uma narrativa eleitoral que surpreenda os adversários, seduzindo os eleitores. Por mais que Lula e Bolsonaro estejam em vantagem, ninguém ganha eleição de véspera.